

A alquimia do maestro

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — Carlo Ancelotti jogou em um meio de campo formado por ele, Rijkaard, Donadoni e Colombo nos tempos áureos do Milan de Arrigo Sacchi. No papel de assistente, viu o quarteto Berti, Dino Baggio, Albertini e Donadoni. Como técnico rossonero, desfrutou de Gattuso, Pirlo e Seedorf. No Real Madrid, uniu o trio Casemiro, Kroos e Modric.

O senhor de 67 anos parece entender um pouquinho de meiuca e está fazendo um dos setores mais carentes da Seleção funcionar: quatro dos sete gols do Brasil na fase de grupos saíram dos pés dos homens responsáveis pelo combate e a criação.

Bruno Guimarães é um dos líderes em assistências na Copa do Mundo. Ostenta três ao lado do fora de série Olise da França, e de Alexander Isak da Suécia. Foram dele o cruzamento na cabeça de Vinicius Junior no segundo gol contra a Escócia e o passe para Matheus Cunha marcar o terceiro. Na estreia, acionou Vinicius Junior e o atacante empatou o jogo contra Marrocos. Na ausência de um camisa 10, o italiano tem se virado com dois camisas 8.

O outro é Lucas Paquetá. Depois de fazer um péssimo primeiro tempo na estreia, o meia melhorou na etapa final e brilhou no segundo jogo. Deixou Vinicius Junior na cara do gol na jogada do terceiro contra o Haiti. Enquanto ele e Bruno Guimarães constroem e aumentam a pressão na saída de bola do adversário, Casemiro se posiciona entre os zagueiros Marquinhos e Gabriel Magalhães e só avança na boa. Tem qualidade no passe para isso.

O protagonismo de Bruno Guimarães na Copa era esperado. Os amistosos do ano passado na Ásia apontavam para isso. Com quatro atacantes à frente do par de volantes formado por ele e Casemiro, era quem se aproximava da área no papel de garçom nos amistosos contra a Coreia do Sul e o Japão. Deu

passe para gol de Estêvão e outro para Paulo Henrique.

Ancelotti o desafiou ao papel de “falso 10” e ele abraçou a causa. “Três assistências em três jogos. Claro que isso não é importante para mim, o mais importante é jogar bem. Nós no meio-campo somos o coração do time, então se a gente joga bem quer dizer que o time vai jogar bem. Quero sempre estar bem, com a bola, para facilitar o jogo”, disse na quarta-feira.

Carlo Ancelotti uniu o útil ao agradável. Aproveitou o entrosamento de Bruno Guimarães com Lucas Paquetá dos tempos de Lyon e inverteu o triângulo do meio de campo. Casemiro protege a defesa e os dois criam as jogadas. Sem a bola, formam o bloco defensivo com ele.

“Tenho entrosamento com o Paquetá desde o Lyon e ficou mais fácil para jogar”, afirmou. O companheiro dele no setor destrinchou a pressão na saída de bola do adversário e a recomposição. “É algo que estamos fazendo. Depende do momento do jogo, se precisar baixar as linhas, marcar, vamos fazer. Está muito claro para nós o que temos que fazer dentro de campo”, depois explicou depois da vitória contra o Haiti.

A conexão de Bruno Guimarães com Lucas Paquetá é replicada por Carlo Ancelotti no elo do meia do Flamengo com o atacante Vinicius Junior. “A gente tem uma amizade muito bonita, de muito tempo. Vi o Vini ainda muito novinho, criamos esse laço desde a época do Flamengo. É um cara que admiro muito, tenho respeito enorme por ele. Sem dúvida que estar com ele aqui e vivendo mais uma Copa é especial demais para nós”, disse.

Lucas Paquetá também tem entrosamento com Neymar. O lance do gol do camisa 10 contra a Croácia nas quartas de final de 2022 tem a colaboração sutil dele antes de o craque invadir a área, driblar o goleiro e tocar para o fundo da rede há três anos e meio. “É um cara importantíssimo para a nossa Seleção, que tem uma história linda aqui e ainda pode nos ajudar muito”, valorizou o camisa 20 na entrevista coletiva do último dia 21.



Química entre os jogadores foi um dos pontos altos do Brasil

Rafael Ribeiro/CBF

As lições do Bezerrão no gol japonês

Tem quem não dê a mínima para torneios de base como a Copa do Mundo Sub-17. Há sete anos, Zion Suzuki, goleiro titular do Japão contra o Brasil, hoje, às 14h (de Brasília) no NGR Stadium, entrava em campo no Estádio Bezerrão, no Gama, pelas oitavas de final da edição disputada no Brasil. Depois de uma bela campanha na fase de grupos, a seleção nipônica foi eliminada pelo vice-campeão México por 2 x 0.

Aquela competição deu lastro a Zion Suzuki para se tornar o segundo

goleiro japonês a assinar contrato com um clube das cinco principais ligas da Europa. Depois da passagem de Yoshikatsu Kawaguchi pelo Portsmouth, Zion Suzuki defende o Parma. Aos 23 anos, ele defende a linhagem de Taffarel, goleiro do clube italiano de 1990 a 1994.

Nascido em Little Rock, Arkansas, nos Estados Unidos, Zion Suzuki é o primeiro goleiro japonês a disputar a Serie A, como é chamada a liga nacional do Campeonato Italiano. Filho de um ganês com uma japonesa, o

profissional de 23 anos desembarcou no Parma em uma transação de 8,2 milhões de euros e contrato firmado até o fim de 2029.

Um dos diferenciais de Zion Suzuki é o talento com os pés. A qualidade começou a aparecer no Mundial Sub-17 de 2019. Ele não somente ajudava o time a jogar como passava segurança na defesa. Passou a fase de grupos inteira sem sofrer gol na vitória contra a Holanda por 3 x 0, no empate por 0 x 0 com os EUA e no triunfo por 1 x 0 diante de Gana.

Quando veio ao Brasil para o Mundial Sub-17, Zion Suzuki era profissional. Havia mudado de pátamar precocemente, aos 16 anos e 5 meses. Ao escolher a seleção para defender, o goleiro teve os Estados Unidos, Gana e Japão como opções e preferiu o Samurais Azuis.

Para ser ter uma ideia do tamanho do feito de Zion Suzuki ao assumir as traves do Japão, o Parma teve goleiros históricos como Taffarel na temporada de 1992/1993, Gianluigi Buffon em 1999/2000 e Sebastian Frey no período de 2002/2003.



Zion Suzuki participou da campanha nipônica no torneio no Brasil

Julio Cesar Aquino/FP

10 CURIOSIDADES SOBRE...

O Japão, adversário do Brasil na fase de 16 avos

1. Assíduo Disputa todas as Copas do Mundo desde 1998, quando estreou na competição. Está no torneio pela oitava edição consecutiva. À exceção dos anfitriões Canadá, EUA e México, foi a primeira seleção a se classificar para a edição de 2026.	Jamais chegaram entre os oito melhores do mundo.
2. A meta Apesar da evolução constante, a melhor campanha do Japão continua sendo as oitavas, em 2002, 2010, 2018 e 2022.	3. Autoestima Na Copa do Catar, o Japão derrotou duas campeãs mundiais na fase de grupos: Alemanha (2 x 1) e Espanha (2 x 1). Recentemente, a seleção derrotou o Brasil (3 x 2), a Inglaterra (1 x 0) e empatou com a Holanda (2 x 2). Acumula 10 jogos de invencibilidade: 7 vitórias e 3 empates. Última derrota foi para os Estados Unidos, em 10 de setembro de 2025, por 2 x 0.
	4. Nickname Embora a camisa azul seja tradicional desde o século passado, o apelido “Samurai Blue” foi oficialmente adotado apenas em 2006 após uma campanha da Federação Japonesa.
	5. Mas por que azul? A bandeira japonesa é vermelha e branca, mas a seleção joga de azul. Não existe explicação oficial definitiva, mas a tradição remonta aos primeiros

representantes do país no futebol universitário e à equipe olímpica de 1936.

6. Do corvo...
O símbolo da Federação Japonesa traz o Yatagarasu, um corvo mitológico de três patas associado ao sol e à orientação divina na cultura japonesa.

7. ...ao Galinho
O maior ídolo estrangeiro da história do futebol japonês é brasileiro. Zico revolucionou o futebol local nos anos

1990, ajudou a popularizar a J-League e treinou a seleção na Copa de 2006. Até hoje é reverenciado no país.

8. Tempo de serviço
O técnico Hajime Moriyasu é o terceiro com mais tempo de trabalho entre os 48 técnicos da Copa: 7 anos, 10 meses e 28 dias com a prancheta nas mãos. Fã do sistema 3-4-2-1, fica atrás dos 13 anos de Didier Deschamps (França) e dos oito de Zlatko Dalic (Croácia). Aos 57 anos, acumula 107 jogos no cargo contra 15 de Carlo Ancelotti no Brasil.

9. Recorde
Na vitória sobre a Espanha em 2022, o Japão venceu tendo apenas 17,7% de posse de bola, um dos menores índices registrados para um vencedor em uma Copa do Mundo.

10. Duas décadas depois
O único jogo entre as seleções em Mundiais ocorreu em 2006. O Brasil venceu por 4 x 1, mas o técnico japonês era Zico. Naquele jogo, Ronaldo marcou dois gols e ultrapassou Pelé na artilharia histórica das Copas.